

A mensagem do outro lado da linha: modernização e discurso em *Quaderna*, de João Cabral de Melo Neto

Rodolfo Rossi¹⁵²

Resumo: A obra poética de João Cabral de Melo Neto (1920-1999), reconhecida pelo equilíbrio composicional da forma, foi amplamente discutida, ao longo do século XX, por meio do debate sobre a dimensão anticomunicativa de seu lirismo. Notadamente, a promoção de uma poesia racional e autossuficiente é uma das vertentes do projeto estético do poeta. No entanto, é preciso enfatizar outros elementos que constituem parte da sua produção, como a presença da subjetividade e a influência da transitividade discursiva, que contribuem com a formulação das composições. Nesse sentido, este trabalho compreende que, com o intuito de reconhecer o alcance comunicativo do livro *Quaderna* (1960), primeira obra do autor publicada por uma editora estrangeira (Guimarães Editores, Lisboa), é necessário analisar o emprego ostensivo da *Cuaderna vía*, de modo a demonstrar como o metro foi utilizado nos poemas a fim de estruturá-los como objetos de intersecção da linguagem lírica com a realidade empírica, levando em consideração a cristalização das tensões provenientes das esferas individuais, coletivas e históricas configuradas pelas vozes poéticas. A análise de textos do livro sugere a percepção quanto às dicotomias que resultam do encontro entre os signos comparantes, promovendo um apelo à sensibilidade de maneira indireta e inusitada. Não se trata da promoção de uma lírica tradicional, em que a experiência pessoal e social encontram-se na superfície do texto, mas revelam-se na elaboração do sujeito lírico e dos objetos poeticamente figurados. Assim, tornou-se possível notar em *Quaderna* a construção de um olhar crítico sobre os impasses estéticos e sociais dos anos 1960, capaz de revelar, por meio do discurso poético, contradições do mundo moderno que Cabral buscou figurar.

Palavras-chave: Crítica Literária; Literatura brasileira; Poesia moderna; Poesia e sociedade; João Cabral de Melo Neto.

O debate sobre a suposta pureza anticomunicativa da poesia moderna é necessário para pensar a poética do autor pernambucano João Cabral de Melo Neto.

¹⁵² Bacharel em Letras - Português e Inglês pela FFLCH-USP. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP. E-mail para contato: rodolfo2.rossi@usp.br.

Desde o seu primeiro livro, *Pedra do sono* (1942), a crítica ressaltava o rigor construtivo de sua linguagem e certo afastamento da realidade empírica, por meio de poemas que aderiram ao Surrealismo.¹⁵³ A escolha pela composição de versos duros, que exigem do leitor um esforço para adentrar um universo hermético e áspero (em que a atenção sobre o próprio material é permanentemente requisitada)¹⁵⁴ é um dos eixos centrais da produção cabralina. Apesar de leituras voltadas para a transitividade do discurso cabralino, a alcunha de “poeta engenheiro”,¹⁵⁵ preocupado com a racionalização da linguagem e com o rigor imagético e figurativo da poesia, permaneceu como a base da crítica especializada ao longo dos anos.

Certamente, a dedicação de João Cabral na luta por uma poesia racional e autossuficiente, como proposto pelo próprio poeta e pela grande maioria dos estudiosos dos anos 1960-1980, é indispensável para compreender o empenho empregado na articulação do seu projeto poético. No entanto, limitar-se à dimensão anticomunicativa de seus poemas resulta no apagamento da experiência pessoal e da relação entre essas composições e a realidade empírica com a qual dialogam. O enfoque na assertividade da construção lírica parece não atentar para o fato de que a percepção de que a construção da poesia se dá, também, pela discursividade, de modo que a relação entre os sentimentos pessoais e a realidade empírica é determinante para compreender a poética cabralina.¹⁵⁶

¹⁵³ “Trabalhando um material caprichoso, como é o do sonho e o da associação livre, o Sr. Cabral de Melo tem necessidade de um certo rigor por assim dizer construtivista. Daí se fechar dentro dos seus poemas, onde há um mínimo de matéria discursiva e um máximo de libertação do vocábulo - entendendo-se por tal a tendência para deixá-lo valer por si, manifestando o poder de sugestão que possui. As palavras, que têm um poder sugestivo maior ou menor conforme as relações que as ligam umas com as outras, se dispõem nos seus poemas quase como valores plásticos, nesse sistema fechado que assume às vezes o caráter de composição pictórica, e a beleza nasce da sua interrelação.” In: CANDIDO, Antonio. *Poesia ao norte. Remate de Males*.

<https://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635983> (2012). Acesso em 01/10/2020.

¹⁵⁴ Em entrevista ao programa “Primeiro Plano”, da TV Cultura, em 1945, o poeta afirma o desejo de produzir uma poesia diferente, particular e exigente: “Eu vi que era possível escrever uma poesia áspera. Uma poesia com uma textura áspera. Uma poesia que fosse difícil de ser lida em voz alta. Uma poesia que não embalasse o leitor. (...) Eu gostaria de fazer uma poesia que não fosse um carro deslizando em cima de um pavimento de asfalto. Aquela coisa lisa. Eu gostaria de fazer uma poesia, que neste caso, o leitor é o carro, ele passasse em cima de uma rua muito mal calçada, que o carro fosse sacolejado a todo momento. Uma poesia em que para passar de uma palavra para a outra, tivesse que pensar. Em cada palavra, há um obstáculo para o leitor”. In: RAMOS, Luiz Fernando. *Mestres da Literatura - Quatro vezes quatro João Cabral de Melo Neto*. Brasília: Tv Escola, 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=KO1N9ihfCjY>. Acesso em: 05/11/2020.

¹⁵⁵ Para Haroldo de Campos, a poesia praticada por João Cabral se assemelha ao exercício do construtor de edifícios, pois propõe a sustentação da matéria por meio do cálculo assertivo: (O poeta promoveu) a instauração, na poesia brasileira, de uma poesia de *construção, racionalista* e objetiva, contra uma poesia de expressão, subjetiva e irracionalista. Os poemas de *O engenheiro* são como que feitos a régua e a esquadro, riscados e calculados no papel. In: CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 80-81.

¹⁵⁶ “A unidade do “eu” na multiplicidade dos atos intencionais, essencialmente dinâmica, está em constante devir: o “sujeito lírico” não existe, ele se cria.” In: COMBE, Dominique. — “A Referência desdobrada: O

Nascido em 1920, João Cabral cresceu em meio aos engenhos de cana-de-açúcar da família, instalada em Recife. Duas décadas depois, aos vinte anos de idade, foi ao Rio de Janeiro trabalhar no serviço público, o que abriu caminho para a diplomacia brasileira, ramo em que atuou grande parte da sua vida. Viveu como embaixador mundo afora (Londres, Barcelona, Berna, dentre outras cidades europeias), mas sua poesia sempre se manteve integrada ao país de origem.¹⁵⁷

Enquanto o Brasil róseo dos anos 1950 possuía uma atmosfera de otimismo em relação ao futuro, dado que diversos setores da sociedade (dentre eles, os artistas) encontravam-se eufóricos com a esperança de superação do atraso nacional por meio da modernização,¹⁵⁸ João Cabral preocupava-se em denunciar, a partir do poema *O Cão sem plumas*, as contradições provenientes das decalagens do progresso.¹⁵⁹ Nesse sentido, torna-se evidente como é impossível desconsiderar a transitividade discursiva em seus poemas (e a presença da subjetividade neles), mesmo quando a intransitividade é predominante em produções centrais de sua obra. O alcance das composições não se limita ao status de afirmação da poesia em si, especialmente distanciada da realidade; Não se trata, a partir do livro de 1950, de uma “poesia comunicativa”, mas de uma poesia que

sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia” I. Tradução de Iside Mesquita e Vagner Camilo. *Revista USP*. São Paulo, V. 84, jan. de 2010, p. 128.

¹⁵⁷ Em carta enviada a Manuel Bandeira, em 1951, Cabral confessa como as suas experiências no exterior o levaram a crer que seria imprescindível ao escritor brasileiro o reconhecimento das desigualdades provenientes de nossa condição subdesenvolvida: “Porque da Europa é que pude descobrir como o Brasil é pobre e miserável. Isto é: depois de ver o que é a miséria europeia - enorme na Espanha, Portugal, dura na França, na Inglaterra - acho que é preciso inventar outra palavra para a nossa, cem vezes mais forte. Por tudo isso ser abstrato é trágico e ridículo para um brasileiro. (...) Hoje eu compreendo melhor como para qualquer artista brasileiro deixar de ser brasileiro para ser “universal” significa empobrecimento.” In: SUSSEKIND, Flora. “Carta 36”. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000, p. 146.

¹⁵⁸ “Foram anos de agitação e de muitos projetos para a arte e a poesia, correspondentes à passagem dos anos 50 para os anos 60: de um período de otimismo e crença nas transformações sociais a serem conduzidas pelo desenvolvimento econômico e tecnológico para um período de tensões ideológicas agudas, crises políticas sucessivas, conflitos sociais. Se, no decênio de 50, a retomada do espírito vanguardista de atualização e pesquisa formal se inseria no clima de fé na construção do futuro, isto é, se a experiência formal ligava-se à ideologia da modernização, na entrada do decênio seguinte passou ela a estar ligada à idéia de Revolução, ou melhor, a própria modernização dependia agora de um agente político-social efetivo (...) Em poucos anos, os rumos tomados pelo processo de transformação estariam à distância daqueles idealizados pela euforia desenvolvimentista dos anos 50 e pelo debate ideológico das esquerdas no início de 60”. In: SIMON, Iumna Maria. “Esteticismo e participação: as vanguardas poéticas no contexto brasileiro (1954-1969). *Revista Novos Estudos - CEBRAP*. Nº 26, março de 1990, p. 121-122.

¹⁵⁹ Nos versos de “O Cão sem Plumás”, podemos ver a dicotomia que o poema prevê na paisagem do Rio Capibaribe: “O rio sabia / daqueles homens sem plumas. / Sabia / de suas barbas expostas, / de seu doloroso cabelo / de camarão e estopa. / Ele sabia também / dos grandes galpões da beira dos cais / (onde tudo / é uma imensa porta / sem portas) / escancarados / aos horizontes que cheiram a gasolina.” In: NETO, João Cabral de Melo. “O Cão sem Plumás” (1950). *Obra Completa*. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 108-109.

quer comunicar, chegar ao outro, ao dispor os questionamentos do autor em relação aos novos tempos que se desenhavam no horizonte.

É preciso pensar que o cerne de *Quaderna*, livro publicado pela primeira vez em Lisboa, no ano de 1960 (dado que demonstra a tentativa de expansão geográfica da poesia cabralina, que transita entre os cenários mediterrâneos e sevilhanos, previamente trabalhados em *Paisagens com figuras* (1956)), não é a recusa da experiência pessoal ou de suas origens, mas na consolidação delas junto à linguagem racional. Pensamos que foi a partir desse projeto ambicioso que Cabral buscou alçar a poesia brasileira ao status de internacionalização, título cobiçado desde o advento dos Modernistas da Geração de 1922. A tentativa não é algo novo na literatura nacional, o que contradiz a noção de que a obra cabralina é alheia a de seus antecessores modernistas.¹⁶⁰ Ela aparece no Brasil capitalista de Oswald de Andrade (1902-1954), no mundo burguês decadente de Carlos Drummond (1902-1987), e permanece latente na poesia em vistas da modernização pós-guerra do poeta pernambucano.¹⁶¹ *Quaderna*, certamente, é um livro importante para a tentativa de apreensão poética da realidade brasileira, que desde os anos 1950 pauta ostensivamente a produção do nosso autor.

Nesse sentido, este trabalho compreende que, com o intuito de depreender a totalidade dos poemas de *Quaderna*, é imprescindível reconhecer como se dá a reverberação das tensões provocadas pelo encontro entre a experiência pessoal e a realidade empírica na linguagem poética. A fim de pensar no que é próprio do livro, torna-se necessário atentar-se à pluralidade discursiva da voz poética (capaz de aproximar os sentimentos de euforia e disforia, paixão e indiferença, alegria e sofrimento), construída por um poeta proveniente do subdesenvolvimento em meio a um novo mundo que se forma após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o início da Guerra Fria (1947-1991). Ao atentar-se ao termo que dá título à obra, é possível notar que se trata de uma

¹⁶⁰ Em carta enviada ao poeta Drummond (um dos seus principais mentores) em 1941, é possível observar como Cabral já almejava, desde o seu primeiro livro, produzir uma poesia capaz de se aproximar dos acontecimentos do seu tempo, assim como os poetas modernistas que o inspiravam: “Quero que me desculpe ter escrito esta carta apenas para falar em mim. É que a perspectiva da publicação desse livro (Pedra do sono) me tem deixado num estado quase de pânico. Sinto que não é esta a poesia que eu gostaria de escrever; o que eu gostaria é de falar numa linguagem mais compreensível desse mundo de que os jornais nos dão notícia todos os dias, cujo barulho chega até nossa porta; uma coisa menos “cubista”. In: SUSSEKIND, Flora. “Carta 8”. *Op. Cit.*, 2000, p. 171.

¹⁶¹ “Tanto a poesia de João Cabral, de tom cosmopolita, sem referência ao dado nacional, quanto a crítica e a Poesia Concreta ou a sequência que lhes foi dada pelos críticos literários ao longo dos anos 60, 70 e 80 refletem o contexto de um desejo preciso, mas também uma dinâmica da história literária do Brasil: a vontade de participar da produção internacional não mais como periferia ou, em outros termos, havia o desejo de superação da condição de atraso do Brasil.” In: TOSHIMITSU, Thaís Mitiko Taussig. *Op. Cit.*, 2009, p. 23.

coletânea de poemas que busca promover o cruzamento de diferentes perspectivas, de modo a ressaltar a transitividade da linguagem poética, isto é, a sua capacidade de articular a comunicação entre opostos: “conjunto de quatro quadrados em forma de crescentes apontados e iguais, simetricamente dispostos e afrontados, formando uma espécie de rosa ou cruz; caderna, lunel”.¹⁶² Portanto, é preciso ler *Quaderna* como um livro de tensões entre o “eu” e o “outro”, que são formalizadas por meio da figurativização dos impasses provenientes das transformações individuais e coletivas que surgem no início dos anos 1960. A memória do subdesenvolvimento e a experiência no Primeiro Mundo; A aproximação entre arte erudita e popular; A miséria sul-americana e a global; A relação entre homem e mulher; Os lugares e os não-lugares; A modernização e o atraso; Todas essas questões não são obliteradas pela racionalização da linguagem, mas sim análogas a ela. Portanto, este trabalho tem como objetivo avaliar até que ponto a realidade empírica (experienciada pelo autor e prevista no cenário moderno) enforma os poemas de *Quaderna*.

Assim, é preciso considerar como a *Cuaderna vía*,¹⁶³ método composicional de origem espanhola e medieval empregado ostensivamente no livro, foi atualizada pelo poeta frente às exigências da modernidade, sendo utilizada como instrumento para o encontro de dicotomias, que se complexificam à medida que são justapostas pelo ato criativo do fazer poético. Essa ação terá como objetivo demonstrar como a linguagem se torna um objeto de intersecção, levando em conta a cristalização das tensões em estrutura linguística e a articulação da voz poética em sua autoconstrução. A proposta aparece no poema de abertura do livro, “Estudos para uma Bailadora Andaluza”, em que o espetáculo é construído por meio do encontro entre os movimentos da dançarina espanhola com o descritivismo do eu lírico brasileiro. Em “O Motorneiro de Caxangá”, Cabral dispõe blocos de estrofes intercaladas que confrontam as visões otimistas e pessimistas do condutor do bonde em momentos distintos do trabalho: “Ida” e “Volta”. No “Poema(s) da Cabra”, a realidade brasileira torna-se, paradoxalmente, paradigma para se compreender a europeia, na medida em que a condição do “cabra” nordestino serve para investigar a existência dos “cabras” mediterrâneos, ocultos sob a atmosfera clássica da

¹⁶² Segundo dicionário eletrônico Houaiss. Link: houaiss.uol.com.br/ Acesso em 05/11/2020. HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

¹⁶³ A *Cuaderna vía* foi amplamente empregada pelos poetas do *siglo de oro* Espanhol (1492-1681) e é constituída por quatro versos alexandrinos por estrofe, com cesura e rima toante. Trata-se de uma estrutura que visa a construção lírica regular e racional, de organização matemática dos elementos sintáticos. In: DEYERMOND, A. D. *História de la Literatura Española I – La Edad Media*. Barcelona: Ed. Ariel, 1991, 108-109.

paisagem. Grosso modo, o estudo tem como objetivo estabelecer as relações entre forma literária e processo social, bem como a atuação recíproca de um sobre o outro¹⁶⁴ por meio das mediações formais dos poemas discutidos e o modo pelo qual eles lidam com a matéria brasileira. Considerando sempre que “o sujeito lírico se cria no e pelo poema, que tem valor performativo”,¹⁶⁵ cabe compreender de que maneira a subjetividade lírica cabralina, em sua sempre decantada autoconstrução, formaliza impasses estéticos e sociais na virada entre os decênios de 1950-1960.

Referências bibliográficas:

ALI, Manoel Said. *Versificação portuguesa*. 1ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyer. “A poesia de João Cabral de Melo Neto”. In: Revista *Encontro*, nº. 28, ano 5, abril de 1960.

BARBOSA, João Alexandre. *A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

_____. “A lição de João Cabral”. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, v. 1, Mar. de 1996.

BERARDINELLI, Alfonso. “As muitas vozes da poesia moderna”. In: *Da poesia à prosa*. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CANDIDO, Antonio. “Crítica e sociologia”. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. *O estudo analítico do poema* — São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.

_____. “Poesia ao norte”. *Remate de Males*. Campinas, ISSN 2316-5758., dez. 2012.

CARDOSO, Adalberto Moreira. *A Construção da Sociedade do Trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades*. Rio de Janeiro: Amazon, 2019.

¹⁶⁴ “A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados por um todo indissolúvel, do qual se pode dizer, como Fausto do Macrocósmos, tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra”. CANDIDO, Antonio. “Crítica e sociologia”. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 15.

¹⁶⁵ COMBE, Dominique. — “A Referência desdobrada: O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia” l. Tradução de Iside Mesquita e Vagner Camilo. *Revista USP*. São Paulo, V. 84, jan. de 2010, p. 128.

- COMBE, Dominique. — “A Referência desdobrada: O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia” l. Tradução de Iside Mesquita e Vagner Camilo. *Revista USP*. São Paulo, V. 84, Jan. de 2010.
- DEYERMOND, A. D. *História de la Literatura Española I – La Edad Media*. Barcelona: Ed. Ariel, 1991.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Tradução: Marise M. Curioni; Tradução das poesias: Dora F. da Silva. São Paulo: Duas cidades, 1978.
- HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.
- KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. Coimbra: Armênio Amado, 1976.
- LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira: Mário, Drummond, Cabral*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- MAMEDE, Zila. *Civil Geometria: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto, 1942-1982*. São Paulo: Nobel/Edusp/INL, 1987.
- MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural”. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. (Org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 156-194, 2018.
- NETO, João Cabral de Melo. *Obras Completas*. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994.
- NUNES, Benedito. *João Cabral: a máquina do poema*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- OLIVEIRA, Waltencir Alves de. O gosto dos extremos: tensão e dualidade na poesia de João Cabral de Melo Neto, de 'Pedra do sono' a 'Andando Sevilha'. 2008. Tese de Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- PEIXOTO, Marta. *Poesia Com Coisas: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. Tradução Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2002.
- SCHWARZ, Roberto. “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. In: *Que horas são?: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 11-28, 1987.

- SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia de menos*. São Paulo: Duas Cidades, 1985.
- SIMON, Iumna Maria. “Esteticismo e participação: as vanguardas poéticas no contexto brasileiro (1954-1969)”. *Revista Novos Estudos - CEBRAP*. Nº 26, março de 1990.
- SOUSA, Carlos Mendes de. "Conversar-escrevendo: João Cabral e Murilo Mendes" / Carlos Mendes de Sousa. In: *Revista Colóquio/Letras*. Documentos, n.º 200, Jan. 2019.
- SUSSEKIND, Flora. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.
- TOSHIMITSU, Thaís Mitiko Taussig. *O Rio, a cidade e o poeta: impasses e contradições na poesia de João Cabral de Melo Neto*. Tese de Doutorado em Letras - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.
- VALÉRY, Paul. “Poesia e pensamento abstrato”. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- WOLOSKY, Shira. *The Art of Poetry: How to Read a Poem*. Edição do Kindle. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. “A recepção de João Cabral de Melo Neto pela crítica portuguesa: de Vitorino Nemesio aos anos 60”. In: *Estudos de Literatura Brasileira em Portugal: Travessias*. Organização: Francisco Topa, Joelma Santana Siqueira e Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 978-972-36-1536-4. edição: 1759, 2020.